

CAPÍTULO 7

O COMENTÁRIO QUE FEZ SURGIR A MINHA TESE

Não é incomum aparecerem oportunidades em nossas vidas.

Enquanto estava na Venezuela realizando o estágio e o curso internacional, ocorreram três eventos independentes que influenciaram meu destino profissional. O primeiro deles foi no dia 30 de novembro de 1971, quando a congregação da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu aprovou a minha contratação como professor universitário do departamento de clínica médica daquela instituição. Eu não tinha expectativa de que esta contratação tivesse seus processos de análise e conclusão tão rápidos. Portanto, foi uma agradável surpresa quando soube do ocorrido.

O segundo aconteceu de forma inesperada, quando o Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo, ao verificar que os quadros docentes das faculdades públicas tinham poucos professores doutores, se viu obrigado a fazer um desvio nos trâmites burocráticos das titulações universitárias. Por esta razão, publicou um edital que permitia inscrições de professores universitários com “reconhecido saber científico” para defenderem teses de doutorado sem a necessidade de cursarem os programas de pós-graduação¹. A comunicação estipulava o prazo de inscrição entre os dias 15 de novembro e 15 de dezembro de 1971, e data máxima para defesas de teses até 15 de dezembro de 1974. O meu colega Paulo Machado (referência 2/glossário do capítulo 3) ao fazer a sua inscrição teve a gentileza de me inscrever também, e o fez porque o prazo era tão exíguo que não haveria tempo hábil para me consultar.

E, finalmente, o terceiro evento teve como causa um desentendimento entre dois professores do departamento de biofísica da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu. Na primeira semana de dezembro daquele ano, os professores Pedro Lucchiari² e Benedicto de Oliveira³ se desentenderam por razões profissionais. Este conflito fez com que o professor Benedicto se transferisse para a Unicamp, deixando vários equipamentos conseguidos junto à Fapesp e ao CNPQ⁴ para uso do referido departamento. Entre os equipamentos, estava o kit completo

*para efetuar a técnica de fingerprinting, que ele usaria para suas pesquisas de peptídeos extraídos de veneno de cobra*⁵.

Ao retornar para o Brasil, soube da minha contratação como professor universitário e da possibilidade de poder defender a tese de doutoramento sem ter a necessidade de cursar a pós-graduação. Teria apenas que comprovar o “reconhecido saber científico” e obter documentos de três professores que fossem doutores, atestando minha capacidade profissional para realizar e defender a tese. Comprovei o reconhecido saber científico com documentos sobre as duas publicações científicas de tipagens sanguíneas feitas com as glândulas de caramujos, adicionei a apresentação no Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, bem como a outra que fiz por conta dos estudos das hemoglobinas nos índios do Xingu, no Congresso do Colégio Brasileiro de Hematologia. Para completar as justificativas de experiência científica, juntei os certificados que comprovavam o estágio e o curso realizados no Instituto Venezuelano de Investigaciones Científicas, de âmbitos internacionais. No mês de janeiro de 1972, obtive com os professores Tarciso Barbieri, Marcello Pio da Silva e José Kerbauy⁶, todos doutores, os documentos que atestavam minha competência científica. Foi dessa forma que fiquei apto a apresentar um tema para a tese de doutoramento.

Alguns dias antes do carnaval, encontrei na barbearia *O cabelo do Rei* o meu colega de turma, também professor da faculdade, Matheus Sugizaki⁶. Enquanto esperávamos pela nossa vez, conversamos animadamente sobre o que estávamos fazendo em nossos laboratórios. Quando ele soube que eu havia aprendido a técnica de *fingerprinting*, ele disse:

– Você sabe “fazer” o *fingerprinting*?? – pergunta feita com justificável incredulidade.

– Sim. Fiquei um mês na Venezuela e aprendi a técnica com o pessoal de lá!

– Pô, Naoum! Você é um cara de sorte. O Lucchiari está com o equipamento completo de *fingerprinting* que o Benê (professor Benedicto) deixou para o departamento de biofísica. Ninguém do departamento tem interesse em trabalhar com *fingerprinting*. Vá lá e converse com o Lucchiari, cara!! Acho que ele

vai gostar de saber que alguém poderá usar aquele trambolho.

Em seguida, fomos chamados e cada um foi para sua cadeira. Pedi ao barbeiro que aparasse somente o bigode, pois estava apressado para procurar o professor Lucchiari. Na verdade, estava salivando de ansiedade.

Naquela mesma tarde encontrei o referido professor e contei-lhe sobre minha recente experiência com *fingerprinting* e o que pretendia fazer em pesquisas com esta técnica. O professor Lucchiari era calmo, gentil e atencioso. Ouvii-me por vários minutos seguidos e, ao final, quando fiz o pedido para usar o equipamento, ele disse:

– Pode levar! Arranje um lugar para instalá-lo e pode levar! – repetiu, num ato de desprendimento incomum entre docentes universitários brasileiros. – Este equipamento está ocupando uma sala inteira e ninguém do departamento tem interesse em operá-lo – concluiu.

Não sabia o que responder tal era o meu assombro diante de tal altruísmo. E logo em seguida fez uma simpática exigência:

– Leve este equipamento antes do carnaval!

Nos dias que se seguiram, procurei um espaço para sua instalação. Inicialmente solicitei uma saleta de dimensões pequenas, que estava vazia, em um dos laboratórios do hospital. Quando expliquei as razões da ocupação e que para refrigerar o equipamento seriam necessários 20 litros de um derivado de petróleo, o varsol, o chefe do laboratório foi enfático:

– Isto vai explodir o hospital. Aqui não!!!! Procure um lugar longe daqui!

Fiquei chateado pois o chefe não deu espaço para qualquer argumentação. É evidente que a instalação de todo o equipamento deveria ter a melhor segurança possível, conforme as instruções que o acompanhavam. Empenhado em conseguir um espaço, fui ao departamento de genética e mais uma vez o professor Barbieri foi decisivo:

– Pode instalar na sala desocupada no final do corredor.

A sala indicada tinha dimensões suficientes para as minhas pretensões e uma enorme janela, que permitia excelente ventilação do ambiente. Era necessário um local arejado porque os líquidos usados eram solventes tóxicos para os pulmões. Para que tudo se resolvesse de forma oficial, foi necessário encaminhar ao departamento de genética um pedido de ocupação da sala, destacando

finalidade de uso e instalação de segurança, tudo sob minha responsabilidade.

No dia seguinte, consegui que transportassem todo o equipamento de *fingerprinting* para a nova sala. As instalações elétricas e hidráulicas, por sua vez, eu faria após o carnaval usando meus próprios recursos financeiros, pois sabia das dificuldades em obtê-los junto às agências de pesquisas (Fapesp e CNPQ) uma vez que os trâmites burocráticos eram longos – em geral, as entidades demorariam entre seis meses e um ano para analisar o pedido e decidir pela sua aprovação ou não.

Cheguei a Rio Preto animadíssimo para passar o carnaval. Na noite de sábado, ao entrar no clube, vi a alegria quase incontida das pessoas que cantavam, dançavam e de algumas que até pulavam. Havia um oceano de meninas atraentes, quer seja por serem naturalmente belas ou por suas fantasias sedutoras. Enquanto pensava o que fazer naquele mar de atração feminina eis que aparece um conhecido não muito íntimo que, empolgado pelos uísques, foi me abraçando e festejando a minha presença. Embora estivesse lhe dando atenção, não perdi a oportunidade de olhar para uma bela garota que passou dançando sozinha no meio daquela confusão toda. Sabendo que o Marco Aurélio, este era o nome do rapaz, conhecia quase todos os jovens daquele clube, eu apontei a garota e perguntei:

– Você conhece aquela menina?

Mas como o uísque já estava afetando o seu raciocínio, ele levou alguns segundos para localizá-la. De repente, levantou o dedo indicador como se estivesse lembrando o nome dela. Foi justamente neste momento que ela apareceu outra vez na nossa frente.

Com a típica ação inesperada de quem está “pra lá de Bagdá”⁸ ele a chamou para o nosso lado e disse:

– Ô Alia, o meu amigo Paulo quer te conhecer – e em seguida nos deixou sozinhos no meio do salão.

Foram quatro noites ao lado da Alia, dançando e cantando. Até em cima de mesas eu subi. Enfim, fiz de tudo para conquistá-la. Na madrugada da Quarta-feira de Cinzas, ainda no clube, pedi-a em namoro e ela respondeu:

– Ah! Não sei! Tenho que pensar.

Esse tipo de resposta era novidade para mim. Desapontado, resolvi ir embora, lamentando a perda de tempo nas quatro noites de carnaval. Desiludido com a quase negativa da proposta, decidi voltar para Botucatu. Mas meus pais insistiram para que ficasse mais uns dias, pois fazia muito tempo que eu não os visitava. Este pedido foi decisivo, pois na quinta-feira eu e Alia nos encontramos por acaso e eu, quase irônico, perguntei:

– Já pensou?

E ela respondeu com um dos mais belos sorrisos já vistos por este par de olhos:

– Sim, podemos tentar.

Tentamos, e faz quarenta e cinco anos que estamos aproveitando a tentação. Alia tem sido participante ativa na minha vida e em minhas decisões mais difíceis. Muito ponderada, com excelente educação pessoal e notável formação profissional – ela é bacharel em matemática – é a pessoa amada e companheira inseparável dos bons e maus momentos.

Ao retornar para o meu laboratório de pesquisas instalado no departamento de genética, trabalhei interruptamente na montagem da técnica de *fingerprinting*, de tal forma que em abril já começava a receber amostras de hemoglobinas anormais dos serviços de hematologia do Hospital São Paulo, do Hospital das Clínicas da USP e, também, dos pacientes do Hospital das Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu. Conseguira obter excelentes resultados analisando hemoglobinas comuns, como as dos tipos A, S e C, e as raras conhecidas por D e J. Tive o cuidado de fotografar todos os bons resultados, de tal maneira que consegui fazer um portfólio fotográfico científico dessas análises.

Em maio de 1972, aconteceu no Centro de Convenções do Anhembi, em São Paulo, o Congresso Internacional de Hematologia, com a presença dos mais ilustres cientistas em hematologia do mundo e, entre estes, o professor Hermann Lehmann^(referência 4/ glossário do capítulo 6). Fiz minha inscrição e alguns dias antes do congresso recebi um telefonema do professor Targino^(referência 1/ glossário do capítulo 4), que sabiamente pediu para que eu levasse meus resultados de *fingerprinting* para serem mostrados ao professor Lehmann.

Num dos dias do congresso, o professor Targino e eu agendamos uma pequena reunião com o professor Lehmann, onde mostramos o portfólio com

os resultados que eu havia obtido. O eminente pesquisador inglês ficou muito impressionado com o que viu e perguntou se o trabalho havia sido feito na USP. Quando soube que estávamos em um pequeno laboratório da faculdade de medicina de uma cidade do interior, o professor ficou admirado. Ao mostrar para um colega que o acompanhava, também inglês, e apontar a qualidade das análises, comentou conosco:

– Estes resultados são tão bons quanto os das teses de doutoramento dos meus alunos da universidade de Cambridge! – e ressaltou em seguida – Se vocês tiverem alguma dúvida, entrem em contato comigo – e apresentou seu cartão com endereço.

Eu e o professor Targino ficamos atônitos diante daquela afirmação e da sua disponibilidade. Agradecemos ao professor por suas análises e comentários e nos despedimos em seguida.

Eufóricos, fomos beber um cafezinho no restaurante do Centro de Convenções do Anhembi. Foi quando o professor Targino fez a seguinte sugestão:

– Paulo, porque você não usa estes resultados para a sua tese de doutorado? – e completou – Eu posso lhe orientar!

– Mesmo? O senhor acha que é possível? – perguntei.

– Você acabou de ouvir do “papa” das hemoglobinopatias! Seus resultados dão tese em Cambridge! – respondeu, meio que indignado com a minha pergunta, e completou – Esta técnica é original no Brasil. Só você faz e seus resultados mereceram elogios de quem mais entende de hemoglobinas no mundo. Não perca tempo, rapaz!

– Então o que preciso fazer? – perguntei de imediato.

– Faça um projeto e me apresente na semana que vem, está bem assim?

– Com certeza – respondi com visível empolgação.

Antes de nos despedirmos, ele deu um conselho que mais tarde se revelaria de grande importância:

– Não comente com ninguém que você tem material pronto para a tese. Muitas pessoas poderão atrapalhar este projeto.

Em setembro a tese de doutoramento estava pronta. Realmente, quando apresentei o meu pedido para defesa de tese ao departamento de clínica médica,

onde era contratado como professor, recebi algumas colocações desagradáveis:

– Como? Você é muito novo! Acho que não é a hora para apresentar uma tese.

– Você não é médico. Como vai defender tese antes dos médicos do departamento de clínica médica?

– Você só conseguiu fazer a tese antes da gente porque nunca precisou atender pacientes e passar visitas nas enfermarias todos os dias.

Mas tudo isto eu relevava, pois sabia que oportunidades aparecem para todas as pessoas. Ao surgir para mim, eu soube aproveitá-la.

O Conselho Estadual de Educação marcou a minha defesa de tese para dia 30 de novembro de 1972, às 14 horas, no anfiteatro principal da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu. Esta seria a segunda tese de doutorado feita na faculdade desde sua fundação. A primeira foi defendida uma semana antes por um colega de turma, o Sidney Mello Dias, em anatomia humana. Pessoa muito querida por todos e certamente o melhor aluno do curso de Biologia Médica (Biomedicina) até aquela data.

Glossário deste capítulo

¹ Teses de doutorado sem a necessidade de cursar programas de pós-graduação: nos anos 70 havia poucos cursos de pós-graduação *stricto sensu* para doutorado em ciências relacionadas com saúde e medicina. Desta forma o Conselho Estadual de Educação (CEE) do estado de São Paulo optou por preencher esta lacuna dando oportunidade a professores universitários com reconhecido saber para defenderem teses de doutorado. Para isto era necessário ter documentos que comprovassem a capacidade científica do interessado e o reconhecimento assinado por três docentes com títulos de doutor. Este programa foi pontual e, portanto, extinto em dezembro de 1974.

² Pedro Hélio Lucchiari: biofísico, doutor em biofísica, especialista em resistência vascular e chefe do departamento de Biofísica da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, SP.

³ Benedicto de Oliveira Filho: biofísico, doutor e professor titular pela Unicamp, especialista em imunologia pelo Instituto Pasteur de Paris, França.

⁴ Fapesp: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. É um órgão estadual que recebe uma porcentagem da arrecadação de impostos estaduais e auxilia pesquisadores e suas pesquisas, por meio de bolsas de estudo e compras de equipamentos e outros insumos.

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. É um órgão federal com dotação orçamentária do Ministério da Educação. Também oferece bolsas de estudos para pesquisadores e compras de equipamentos e insumos.

⁵ Peptídeos de veneno de cobra: a pesquisa projetada pelo professor Benedicto de Oliveira Filho era sobre a separação de peptídeos de venenos extraídos de diversas espécies de cobras. O objetivo era relacionar tipos de peptídeos com resposta imune de cobaias submetidas a esses venenos.

⁶ José Kerbauy, médico hematologista do Hospital São Paulo, São Paulo. Professor Titular de Hematologia da Escola Paulista de Medicina. Ex-Presidente do Colégio Brasileiro de Hematologia.

⁷ Matheus Sugisaki: biomédico, doutor em biofísica. Campeão mundial de judô universitário em 1968 em Tóquio, Japão. Foi chefe do departamento de biofísica, especialista em biofísica do sistema vascular. Coordenou por um período de quatro anos as pesquisas científicas realizadas na estação avançada brasileira na Antártica, polo sul.

⁸ Prá lá de Bagdá: termo comum nos anos 70 para dizer que uma pessoa está muito bêbada.